

Introdução

O fenômeno da avaliação tem sido amplamente estudado em trabalhos que tratam das narrativas, amparados primordialmente em Labov (1972). Entretanto, ainda que de forma não tão estabelecida, a subjetividade também está presente nos estudos sobre argumentação. Primeiramente, nos argumentos emocionais – éticos e patéticos – de Aristóteles (1988), cujos conceitos implicam uma postura do locutor em relação às suas elocuções e ao interlocutor. Depois, indiretamente, nas próprias definições do *ponto de vista*, o coração da argumentação, considerado pela literatura moderna como uma expressão de opinião (Toulmin, 1958; Shiffrin, 1990; Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996; van Eemeren e Grootendorst, 1992). Ora, se a opinião tem sido tradicionalmente entendida como um mecanismo interno e subjetivo – chamado algumas vezes *atitude* (cf. Allport, 1935; Eiser e van der Plight, 1988) – então, o ponto de vista que está sendo defendido encontra-se de alguma forma relacionado à subjetividade daquele que está argumentando. Também Shiffrin (1987) relaciona argumentação e subjetividade ao embutir no componente argumentativo *posição* uma ‘idéia’ e um ‘compromisso’, este último podendo ser compreendido – com amparo nas *pistas de contextualização* (Gumperz, 2002) – como o *alinhamento* (cf. Goffman, 1981) assumido pelo locutor da argumentação ao apresentar sua opinião. Posteriormente, Shiffrin (1990) diferencia argumentações mais passíveis de verificação – nas quais estão sendo sustentadas *posições* – de outras que são fruto da subjetividade – as *opiniões*, relacionadas a crenças, valores –, definindo opinião como uma “posição avaliativa interna de um indivíduo sobre uma circunstância” (Shiffrin, 1990, p. 244). Mais diretamente, dois trabalhos sinalizam para a presença do aspecto avaliativo no desenho da argumentação: nas análises realizadas por Wegman (1994) e Grynier (2000) em dados de opiniões pessoais, a avaliação é tratada especificamente como um componente do esquema argumentativo. Assim, enquanto Wegman (1994) reconhece o componente avaliativo como fazendo parte da sustentação de opiniões pessoais (seja como premissa intermediária no nível superficial seja como conclusão implícita da

premissa factual), Grynier (2000) o observa em separado, atuando como uma coda na estrutura argumentativa. Portanto, seja na posição seja na sustentação, a argumentação sempre esteve imbricada na avaliação, ainda que tal relação não se encontre plenamente desvelada. Levantamos, então, a questão: qual a relação entre avaliação e argumentação?

Por outro lado, a avaliação é um fenômeno escorregadio, ainda mais se considerarmos a grande variabilidade de vertentes que se dedicam ao seu estudo. Alguns a investigam considerando dimensões paralingüísticas (Goodwin, 1987; Goodwin, 2003) ou lingüísticas (Biber & Finegan, 1989; Hunston & Thompson, 1999; Neves, 2000; Lakoff & Johnson, 2002; Fairclough, 2003; Dias, 2006). No âmbito da Análise da Conversa, o fenômeno aparece relacionado à organização dos reparos. Por exemplo, Arminen (1996), ao estudar a relevância interacional e moral dos auto-reparos nas histórias de vida de membros dos Alcoólicos Anônimos, aponta para as “condensações avaliativas” fornecidas por determinados procedimentos de auto-reparo em segmentos onde a operação de reparar a fala pode ser interpretada como avaliação de um evento enunciado anteriormente. Linde (1997), por sua vez, amplia a análise da avaliação para além da estrutura lingüística e a considera reflexo dos valores sociais na estrutura do discurso, fornecendo indicações da ordem social que o falante reproduz e assume. Já a teoria “*Appraisal*” (Martin, 1999, 2003; White, 2003) a tem mostrado mais como fragmentos de atitudes ou de discursos expressivos. Entretanto, existem estudos mostrando que subjetividade necessariamente não significa presença do ‘eu’, marcas de subjetividade. Por exemplo, para Wegman (1994), as opiniões são baseadas em julgamentos avaliativos de aspectos factuais da realidade, produto de um processo inferencial no qual a pessoal apela para certos fatos. Também Shi-xu (2000) sugere que a avaliação pode estar em um processo inferencial que é alcançado através da objetividade de fatos culturais. Nesse caso, a realidade social trazida ao discurso projeta valores da sociedade que estão sendo avaliados pelo locutor. Mas, afinal, quais os limites entre subjetividade e objetividade na expressão da avaliação?

Ampliando essa discussão, Shi-xu (1997, 2000) mostra que, no discurso de opinião, a sustentação objetiva atua na argumentação como um *frame* interpretativo para a opinião que está sendo expressa. Shi-xu (2000) argumenta que esse discurso objetivo, então, é interpretado como uma posição em relação

aos fatos e freqüentemente será avaliativo. No entanto, o autor não se detém na discussão dessa questão, cabendo-nos perguntar: qual o papel da avaliação na argumentação em contexto de fala opinativa?

São essas as questões que procuramos responder a partir de um estudo sobre avaliação em seqüências argumentativas encontradas na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Nesse sentido, embasando-nos em pressupostos teóricos da argumentação (Shiffrin, 1987; Wegman, 1994; Grynner, 2000; Gille, 2001) aliados a estudos que tratam de falas opinativas (Shiffrin 1990; Shi-xu, 2000) e a trabalhos realizados no âmbito da avaliação (Labov, 1972; Linde, 1997; Martin, 1999, 2003; White, 2003), pretendemos:

- i) investigar a relação avaliação/argumentação na fala opinativa;
- ii) discutir os limites subjetividade/objetividade na expressão da avaliação na fala opinativa;
- iii) verificar o papel da avaliação na argumentação em contexto de fala opinativa.

Nossa proposta de investigação está centrada em um conjunto de entrevistas realizadas com funcionários de uma empresa brasileira do ramo de energia, anteriormente estatal e controlada por um grupo europeu. A partir da entrada do estrangeiro no controle da empresa, a organização passa a ser projetada para atuar como uma empresa privada, altamente competitiva. Através de operações como o *downsizing* e da contratação de novos profissionais, a nova gestão remodela a empresa, mas também gera diferentes grupos de identidade, por exemplo, funcionários sobreviventes *versus* recém contratados, ou brasileiros *versus* X europeus¹. Nas entrevistas, os funcionários são convidados a oferecer seu próprio entendimento sobre vários aspectos da organização, possibilitando a emergência de defesa de opiniões.

¹Trata-se de um grupo europeu que, por razões de sigilo, será nomeado como X-europeu.

Nossos dados fazem parte de um conjunto de vinte entrevistas que estão disponíveis em material áudio-gravado e que constituem acervo do Projeto “Identidade social e trabalho: subjetividade e afiliação no contexto da organização empresarial”, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pela Profa. Dra. Maria do Carmo Leite de Oliveira no Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio².

A metodologia do estudo compreende a análise qualitativa e interpretativa das entrevistas realizadas com quatro funcionários da empresa, acerca de como avaliam a atuação do grupo gestor da organização e de como vêem as suas próprias possibilidades de atuação neste contexto.

Duas indagações específicas permearão nosso trabalho. São elas:

(i) a avaliação pode ser considerada um componente da estrutura argumentativa na fala opinativa, tal como nas narrativas (Labov, 1972)?

(ii) como se manifesta a avaliação nos movimentos argumentativos encontrados em seqüências de argumentação em contexto de fala opinativa?

Ao propor essas questões, temos como objetivo maior contribuir para os estudos sobre a interface avaliação e argumentação no discurso de opinião. Para tanto, pretendemos:

(i) identificar padrões organizacionais de avaliação na estrutura da argumentação na fala opinativa;

(ii) mapear as formas de expressão de avaliação nos movimentos argumentativos de posição e sustentação.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, são apresentadas contribuições concernentes à argumentação, desde a tradição clássica até as propostas mais recentes, que mostram como a subjetividade sempre esteve

²Os dados foram coletados por uma consultoria de pesquisadores, contratada pela gestão da empresa para avaliar a comunicação na organização.

presente na literatura que trata do tema. Também nesse capítulo é apresentada a dualidade objetivo/subjetivo subjacente às opiniões (Schiffrin, 1990; Shi-xu, 2000). Como a subjetividade tem sido tradicionalmente relacionada a expressões de atitude/avaliação, o cenário no qual se inscrevem as abordagens que focalizam a avaliação sob diferentes aspectos é também apresentado nessa seção.

No capítulo 3, dedicamo-nos à explicitação de nossa posição metodológica, bem como fornecemos informações contextuais sobre a pesquisa e descrevemos a atividade de fala que investigamos. Também nessa seção serão descritos os procedimentos metodológicos e as unidades de análise nas quais nos embasamos para investigarmos a avaliação na argumentação da fala opinativa.

O capítulo 4 apresenta os padrões organizacionais de avaliação presentes nas seqüências argumentativas que compõem nosso corpus. Ainda nesse item mostramos o modelo potencial que construímos a partir da identificação do lugar da avaliação na argumentação. A partir desse modelo potencial, os capítulos 5 e 6 dedicam-se, respectivamente, a desvelar como a avaliação se manifesta nas posições e nas sustentações da fala opinativa que investigamos.

Nas considerações finais de nosso estudo, buscamos responder às questões levantadas, avaliar a metodologia que adotamos e sugerir pistas para novas pesquisas.

Por fim, cremos poder estabelecer envolvimento deste trabalho com duas áreas de investigação. Por um lado, esperamos contribuir para ampliar a compreensão sobre argumentação e sua relação com a dimensão avaliativa das opiniões. Por outro, pensamos colaborar também para a compreensão do aspecto avaliativo da linguagem, um campo ainda não completamente desvelado aos olhos da literatura moderna.